

Comunicação, linguagem verbal e suas implicações

Por Samara Elizabeth



Tomar conhecimento de mais uma palavra, apropriar-se dela e enriquecer o vocabulário, é como acrescentar à nossa percepção de mundo mais um lume, e assim o “enxergar a realidade” passa a ser mais fácil, sob a luz do entendimento.

A comunicação pode ser pensada como um dos processos estruturadores da sociedade, estando intimamente ligada à história do pensamento. Podemos ainda inferir que a comunicação humana dá-se pela necessidade que o homem tem de interagir com o "outro".

Por ser o homem este ente social que tem história e está no mundo junto de outros, ou seja, por co-existir, sua natureza essencial é comunicar.

A palavra 'comunicação' deriva do latim 'communicare' cujo significado seria 'tornar comum', 'partilhar', 'trocar opiniões', 'conferenciar'.

Se pensarmos a existência como o modo de ser do homem, assim como pensou o filósofo Heidegger, co-existindo o homem com outros homens, há o comunicar-se, o com-unicar: partilhar uma única existência com.

Ou ainda nas palavras de Maser, “Comunicação quer dizer trocar idéias, consultar os demais, tornar comum, tornar inteligível, fazer-se alguém compreendido; quer dizer entender os outros”¹. Dessa forma, está intrínseca à idéia de comunicação, a linguagem - a única forma capaz de perpassar todos os campos do conhecimento: dança, música, arquitetura, artes plásticas.

A linguagem foi ao longo de toda a história do pensamento, antiga e medieval, um objeto da filosofia. Parmênides, Platão e Aristóteles já discorriam sobre a questão da linguagem. O primeiro empreendimento científico, em relação à linguagem, encontra-se já no início do século XVII: a Gramática Geral de Port-Royal. Aí já há a distinção entre significante e significado, já se dissecava de alguma forma a estrutura da palavra.

Tanto a Gramática Geral dos séculos XVII e XIX quanto a Gramática Histórica e a Filologia irão participar da mesma decisão que marcou a virada do Renascimento: tudo o que existe pode ser objeto de uma ciência particular.

A troca de notícias, ou a comunicação, estabelecer-se-á entre o emissor (enunciador) que envia a mensagem e o receptor (enunciatário) que a recebe. Tudo isso com o objetivo de provocar ou bloquear certas ações.

A conexão entre emissor e receptor será estabelecida através de um canal de comunicação. Se a comunicação for visual, o meio será constituído pelos recursos gráficos e pictóricos. Mas se a comunicação for verbal, a que nos interessa no momento, o meio será a linguagem escrita ou oral – a linguagem verbal.

É na linguagem verbal que o homem faz-se homem, que ele pode expressar sua essência, pode firmar-se como indivíduo, ou como sujeito, à medida em que capacita-se para re-criar e inovar a realidade objetiva.

Se nos determos um pouco mais no homem como o sistema que opera com informações, poderemos falar, a título de curiosidade, acerca do processo de recepção. Podemos citar então, os seguintes trechos pertencentes à obra de Maser²:

A memória é usualmente entendida como capacidade de armazenar e ordenar percepções e experiências por tempos longos. O cérebro humano tem uma capacidade de armazenamento que oscila entre 10¹¹ e 10¹² bit – sendo que o mero conhecimento de uma linguagem requer cerca de 4.106 bit (de acordo com K. Küpfmüller).

A velocidade de operação, a velocidade de percepção no homem, atinge, em média, a casa dos 16 bit/ seg. Como a duração de um 'presente' é da ordem de 10 segundos, tem-se o chamado armazenamento a curto prazo, no ser humano, que é da ordem de 160 bit. "O armazenamento a curto prazo retira informações do mundo circundante ou da memória, valendo-se da percepção ou da lembrança: retém a informação enquanto a 'duração do instante' permanece na consciência; e contém informação que pode ser impressa na memória e que pode ser transferida para o mundo exterior." (Frank, H. *Kybernetische Grundlagen der Pädagogik. I e II*, Baden-Baden, 1969. vol.2, p.66.)

Atentando para a linguagem verbal, que é um meio através do qual a informação é transferida para o mundo exterior, podemos distinguir forma e conteúdo, ambos inter-relacionados. No que se refere à *forma*, ou seja, o modo como se diz algo, além de um sistema de regras que se destina à ordenar os elementos para dar sentido à mensagem, como a gramática por exemplo, podemos falar em *língua, palavra e discurso*.

A língua, como sistema de signos e regras - assim como todos os sistemas históricos de comunicação, literais ou não - é manifestação da linguagem. Lembrando Schaff, podemos dizer que "os sistemas de sinais, chamados línguas, são os suportes do pensamento conceptual"³, ou ainda que "cada língua contém em si 'uma visão de mundo' definida, um esquema ou um estereotipo determinado da intuição do mundo das coisas."⁴

Matéria-prima da língua, a palavra, merece atenção especial. O maior ou menor domínio sobre ela, será fundamental para o discurso - para a fala e a escrita -, aliás a palavra só pode adquirir sentido no discurso. Como lembra Maser citando H. Zemanek: "As palavras de linguagem comum não adquirem significado por meio de definições; elas provocam, no ouvinte ou no leitor, uma soma de representações, ou imagens, que só se delimitam, para ganhar interpretação ou sentido precisos, no correr da conversação ou da leitura. Aliás, a indeterminação de uma palavra só pode ser, na melhor das hipóteses, reduzida, nunca totalmente afastada."⁵

Tomar conhecimento de mais uma palavra, apropriar-se dela e enriquecer o vocabulário, é como acrescentar à nossa percepção de mundo mais um lume, e assim o "enxergar a realidade" passa a ser mais fácil, sob a luz do entendimento.

Faltam-nos palavras e o mundo é constituído de grandes brechas, lacunas, vazios; ele perde um pouco as suas cores e é impossível perceber o quão interessante é este mundo.

Criar palavras é nomear o mundo, e dando-se nomes à realidade, ela se esclarece, torna-se inteligível.

Por isso, quando fazemos uma pesquisa de campo, aproximando-nos mais do discurso, especificamente da fala, dos entrevistados, percebemos principalmente naqueles que menos possuem em termos materiais, uma grande falta de palavras também, e conseqüentemente um menor nível de abstração e generalização, como diz o próprio Schaff.

Verificando essas deficiências no vocabulário e na sintaxe - não esquecendo que os níveis de complexidade de ambos variam de língua para língua - entendemos o grande poder que a educação detém, de aprimorar o ato de pensar e de fornecer o conhecimento inicial para que isto ocorra.

Entendendo como René Descartes: *Cogito, ergo sum* - penso, logo existo, e como Jean Paul Sartre: *o homem é aquilo que ele faz de si*, vemos que a educação não pode furtar-se de seu papel político de fornecer os instrumentos necessários à qualificação do pensamento, ou seja, fornecer o conhecimento. Como coloca muito bem o educador Paulo Freire:

“A nossa tarefa revolucionária exige de nós não apenas informar corretamente mas também formar. Ninguém se forma realmente se não assume responsabilidade no ato de formar-se. O nosso Povo não se formará na passividade, mas na ação sempre em unidade com o pensamento. Daí a nossa preocupação em jamais sugerir aos camaradas que memorizassem mecanicamente as coisas. Daí a nossa preocupação em desafiar os camaradas a pensar, a analisar a realidade.”⁶

Formar um indivíduo, e neste caso, um sujeito, fortemente estruturado em pensamento, conhecimento e cultura, é torná-lo apto a produzir criticamente mais conhecimento e cultura e a estimular o pensamento de mais indivíduos. E não só isso. Este sujeito será capaz de promover mudanças sociais – “a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais.”⁷ - , identificar as ideologias circulantes e conscientemente fazer escolha de alguma, e não apenas permanecer como um indivíduo vulnerável às manipulações. E aqui, entendemos o porquê das desiguais oportunidades de acesso ao conhecimento oferecidas à sociedade. Motivos de proteção aos privilégios já garantidos das classes dominantes.

Neste quadro de luta de interesses, surgem como auxiliares ou mesmo cooperadores nesta função de educar e de descortinar a realidade às pessoas, a biblioteca e a figura do bibliotecário. Este, à medida em que cumpre sua função de socializar o saber, o conhecimento e as informações corretas ao público, estudantes e pesquisadores, cumpre também o seu papel de co-educador. Até mesmo em tarefas, que em um primeiro momento não atinjam diretamente quem busca a informação, como a documentação, na qual o profissional escolhe e ordena termos ou mesmo escolhe diferentes definições para os mesmos termos - como por exemplo, a escolha da definição descolonização ou independência (simples palavras?!) da África ou América Latina, ou ainda resistência ou ataque para o momento histórico da Palestina. Enfim, caberá ao bibliotecário decidir revelar ou encobrir opções ideológicas, tornar ou não a informação um bem comum e ser um colaborador ou não no verdadeiro ato de comunicar.

Por tudo isso, só podemos concluir que dominar os processos de comunicação e avaliar as influências e conseqüências daquilo que se está comunicando, é uma tarefa de grande responsabilidade; pois além de entender os homens e suas necessidades, quem decidir adentrar neste campo, estará fazendo algo dos homens e da sociedade.

Talvez não seja exagero afirmar que comunicação, e por sua vez linguagem verbal, principalmente, mas também linguagem não-verbal, sejam sinônimos de poder. Ainda mais, se pensarmos na atualidade, na sociedade da informação. Desse modo, os detentores de maior volume e qualidade de informação – e isso não apenas no âmbito da relação humana; mas ampliadamente nas relações de poder dentro de uma mesma sociedade, entre os possuidores dos meios de comunicação e os que dependem da informação, tanto para informar-se sobre o que precisa, como para informar aquilo que quer ; e ainda nas relações entre nações – serão os únicos capazes de influir sobre os processos, sejam eles sociais, econômicos ou físicos, ou ainda, os únicos capazes de influir, determinar e manipular o futuro.

Relembrando que o homem co-existe, e que por isso tem a necessidade de comunicar, tenhamos em mente o que nos conta Maser⁸, numa citação de A. Rapoport : que são possíveis três maneiras de contornar os conflitos humanos. A primeira delas, a mais primitiva, é a luta, cujo objetivo é destruir o adversário. Em seguida, temos o jogo, ou a lógica da estratégia, cujo propósito é dobrar o adversário, ludibriá-lo. Porém, a forma ideal de resolução dos conflitos, é a ética do debate, tendo o objetivo de convencer o adversário. Mas o debate é comunicação – e nele não se eliminam nem o jogo nem a luta.

Referências Bibliográficas

1. MASER, Siegfried. **Fundamentos de teoria geral da comunicação**. São Paulo: Epu, Edusp, 1975. p.
2. MASER, Siegfried. **Fundamentos de teoria geral da comunicação**. São Paulo: Epu, Edusp, 1975. p. 188
3. SCHAFF, Adam. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1974, p.249.

4. SCHAFF, Adam. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1974, p. 252.
5. MASER, Siegfried. **Fundamentos de teoria geral da comunicação**. São Paulo: Epu, Edusp, 1975. p. 136.
6. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 87.
7. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 28.
8. MASER, Siegfried. **Fundamentos de teoria geral da comunicação**. São Paulo: Epu, Edusp, 1975.